



A esperança nos sustenta

Carta aos
irmãos
SETEMBRO 2025

Caros irmãos e irmãs

Permitam-me começar esta Salutatio partilhando uma recordação que ainda ressoa fortemente no meu coração. Recentemente, vivemos o **Jubileu da Juventude** em Roma, e creio que muitos de nós ainda sentimos a emoção daqueles dias: a Cidade Eterna rejuvenescida pelo entusiasmo dos peregrinos e São Pantaleão transbordando de vida, repleto de jovens dos nossos grupos, que pareciam reviver os tempos do nosso Santo Padre José Calasanz, quando a Casa Geral era uma escola vibrante, repleta de alunos alegres e esperançosos.

Para nós, Escolápios, foi comovente ver tantos jovens conversando, cantando e partilhando a fé com autenticidade e simplicidade. O Dia do Escolápio, com sua emocionante celebração em Sant'Andrea della Valle, nos ajudou a redescobrir o verdadeiro significado de **sermos peregrinos, não turistas**, caminhantes no caminho para Deus, deixando para trás comodidades, descobrindo não lugares inexistentes, mas as maravilhas de Deus nos homens, mulheres, jovens, meninos e meninas, e a grandeza de nos colocarmos a Seu serviço.

Desejo expressar minha mais **sincera gratidão** à Comissão Jubilar Escolápia. Sua dedicação discreta e constante garantiu que cada detalhe fosse cuidado e nos permitiu a todos experimentar o **dom da esperança durante esses dias**.

O Jubileu bíblico, instituído no Livro do Levítico, é celebrado no quinquagésimo aniversário, após a contagem de sete semanas de anos, sete vezes sete anos (Lev 25,8). No entanto, não podemos reduzir o Jubileu a uma simples celebração da conquista de

um número redondo, como se fosse um mero aniversário simbólico, mas sim ao fruto de um **tempo pleno, completo e transbordante**, que se abre para um novo horizonte. O Jubileu é o sinal de que o tempo foi vivido, trabalhado e cultivado com fidelidade; é a plenitude que nasce da perseverança diária.

Neste Ano Santo, a liberdade é proclamada, as dívidas são perdoadas, a justiça é restaurada e o que foi perdido é devolvido. **O Jubileu é um tempo de graça**, que não provém da aritmética dos dias, mas da misericórdia de Deus e do esforço honesto de quem soube semear. É um sinal capaz de transformar a história, restituir a dignidade e abrir caminhos para um novo começo. Por isso, cada Jubileu é também um apelo a preparar os nossos corações para uma profunda renovação pessoal e comunitária.

Vivemos tempos marcados pela incerteza, pela injustiça, pelos conflitos armados, pelas crises institucionais e pela perda de sentido. Nas nossas comunidades, também nos sentimos cansados; a rotina desgasta-nos e pode até obscurecer a nossa missão. Há clérigos, religiosos e leigos exaustos, que se sentem sobrecarregados por imensas tarefas, e muitos enfrentam fragilidades emocionais ou psicológicas. Nesse contexto, a **pergunta sobre o nosso próprio destino** ressurgiu com força em nossos corações. É uma pergunta profunda, avassaladora, mas decisiva: O que será de mim amanhã? Sua resposta exige um discernimento cuidadoso, lúcido e paciente, porque uma resposta errada pode nos arrastar para o fatalismo ou o desespero, ou para uma falsa sensação de segurança que, de fato, não pode nos sustentar.

Diante dessa ansiedade, a esperança não se apresenta como um luxo, mas como uma necessidade vital. Não é ingenuidade ou mero otimismo, mas uma força real que nos sustenta e nos impulsiona. Como virtude teológica, ela **nos abre à certeza de que Deus caminha conosco**, mesmo na noite mais escura.

Quando surge em nós a pergunta nascida do desânimo: onde encontro esperança quando minhas forças me faltam? Talvez pudéssemos responder com outra pergunta igualmente decisiva: **quando foi a última vez que experimentei uma esperança que realmente me sustentou?** Olhar para trás e recordar os momentos em que a esperança nos segurou, quando parecia não haver saída, nos ajuda a reconhecer que não se trata de uma ideia abstrata, mas de uma realidade que já vivenciamos. Na nossa história pessoal e comunitária, há vestígios concretos dessa esperança: ocasiões em que

recebemos um apoio inesperado, em que a oração nos restituiu a paz, em que alguém nos estendeu a mão, em que a fé nos deu refúgio. **Essa memória agradecida é um antídoto contra o desespero.** Ensina-nos que, assim como Deus nos sustentou antes, o fará novamente. A esperança alimenta-se dessa experiência viva, da certeza que nasce da história concreta da salvação que Deus escreve conosco.

No Natal passado, juntamente com alguns irmãos de San Pantaleo e Montemario, fomos à Praça de São Pedro para receber a bênção Urbi et Orbi. Na sua mensagem¹, o Papa Francisco recordou catorze países feridos pela dor, sete dos quais com presença escolápi. Aquelas palavras tocaram-me profundamente e pensei em tantos escolápios que, no meio de contextos difíceis, continuam a dar vida, a ensinar, a acompanhar, a evangelizar e a **ser testemunhas silenciosos de esperança**. Obrigado a todos! Vocês são um sinal concreto e vivo de que a esperança cristã não se baseia em ilusões, mas na certeza de que Cristo ressuscitado nos precede e nos acompanha.

A esperança, juntamente com a fé e a caridade², é uma virtude teológica que nos leva a outro nível de existência. Não é um sentimento ou otimismo, mas uma confiança radical nas promessas de Deus, mesmo — e especialmente — em meio às dificuldades. Quanto mais sólida é a minha fé, mais indiviso é o meu coração, quando estou convencido de que Jesus é o Senhor e pode nos salvar, a esperança surge.

Para aprofundar o significado da esperança, podemos deixar-nos iluminar por alguns autores que refletiram sobre o seu poder transformador a partir de diferentes perspectivas. Cito três: Jürgen Moltmann³, Erich Fromm⁴ e o contemporâneo Byung-Chul Han⁵. A atualidade e a pertinência das suas reflexões são impressionantes, em diálogo com os desafios espirituais e culturais do nosso tempo, **oferecendo-nos chaves para viver com direção e profundidade**. Se me permitem, recomendo vivamente a leitura do terceiro, O Espírito da Esperança. É um texto breve, quase como um gole, que oferece uma visão profunda, realista e integradora do que significa esperar, ter esperança, e considero-a sua leitura particularmente oportuna neste ano jubilar.

1.- <https://www.vatican.va/content/francesco/es/messages/urbi/documents/20241225-urbi-et-orbi-natale.html>

2 - 1 Cor 13,13.

3 - Moltmann, J., Teologia da Esperança, 1964.

4 - Fromm, E., A Revolução da Esperança, 1968.

5 - Han, B.-C., O Espírito da Esperança, 2024.

O Magistério da Igreja refletiu longamente sobre a esperança como dom que sustenta e transforma a vida. Bento XVI, em *Spe Salvi*, assegura-nos que a esperança não é uma consolação frágil, mas uma força firme que torna suportáveis até os aspetos mais difíceis do presente, **uma certeza enraizada em Cristo ressuscitado** que dá substância ao presente e abre caminhos para o futuro, *ao afirmar que nos foi dada a esperança, uma esperança fiável, graças à qual podemos enfrentar o nosso presente*⁶.

O Papa Francisco, na Bula Papal **“Spes non confundit”** para o Jubileu de 2025, aprofunda essa visão, recordando que todos têm esperança. *No coração de cada pessoa, a esperança habita como desejo e expectativa do bem, mesmo sem saber o que o amanhã nos reserva*⁷. Ele nos convida a reconhecer que a esperança faz parte da **identidade mais profunda do ser humano**, uma aspiração universal que o Jubileu busca despertar, reavivar e fortalecer. É apropriado e belo que Francisco tenha escolhido para essa Bula Papal um título tirado de São Paulo -*Spes non confundit*⁸-, lembrando-nos de que a esperança não decepciona, porque se baseia na fidelidade de Deus. Este Ano Santo se torna, assim, uma ocasião privilegiada para renovar o sopro da esperança e compartilhá-lo com um mundo sedento de sentido e compaixão.

*Rezem e perseverem em seu trabalho com a firme esperança da ajuda divina, que jamais faltará aos seus servos*⁹. Com essas palavras, escritas em 25 de janeiro de 1647, Calasanz revela a chave de sua vida espiritual: uma esperança firme, enraizada na oração constante, na confiança absoluta na Providência e na dedicação fiel ao ministério educativo e pastoral que Deus lhe tinha confiado. **Rezar, trabalhar e esperar**: esse foi o eixo de sua vocação e de seu legado.

Em um tempo de tensões internas, dificuldades econômicas e oposição externa, Calasanz nunca se deixou vencer pelo desânimo. Sua visão, temperada pela provação, baseava-se na certeza de que as Escolas Pias eram obra de Deus e que Ele não deixaria de acompanhá-las, mesmo nos momentos mais difíceis. Para Calasanz, a esperança não era uma fuga, mas uma **virtude ativa e uma decisão diária**: perseverar, rezar e trabalhar, confiando que Deus abriria o caminho. Seu exemplo continua a nos inspirar, lembrando-nos de que a fidelidade cotidiana, vivida com esperança, transforma as comunidades, sustenta a missão e dá fruto na vida

das crianças e jovens a quem servimos.

A esperança não é um ornamento espiritual nem um otimismo míope, incapaz de despertar paixão por aquilo que ainda não existe. **É um modo de viver a partir de Deus**. Ela nasce de um presente que **nos oferece sentido e propósito, está orientada para um futuro** que não controlamos, mas que confiamos a Deus, e **se manifesta numa alegria serena que ninguém nos pode tirar**¹⁰. Viver com esperança é aceitar a vida com as suas luzes e as suas sombras, mas sem resignação, é acreditar que o estéril pode florescer, que a semente escondida dará fruto, que as lágrimas podem tornar-se colheita¹¹.

Fomentar a esperança é mais do que um ideal; **é a força motriz da nossa missão educativa e evangelizadora**, a força que nos impulsiona para a frente. A esperança não se ensina nem se explica; espalha-se através do nosso testemunho quando sonhamos sem ingenuidade, trabalhamos com paixão militante e vivemos da fé. No coração escolápio, essa esperança traduz-se em educar e evangelizar, convictos de que **cada criança e jovem traz consigo uma promessa de futuro**.

Ser escolápio, religioso ou leigo, significa ser um **Elpíforo**¹², portador de esperança. Essa tarefa não é individual, mas comunitária. O sujeito da esperança é um “nós”. Deus nos confia o dom da sua esperança, para que a possamos partilhar e difundir, para que a nossa presença seja uma luz em constante expansão. Por isso, convido vocês a deixar ressoar uma última pergunta: *Quem precisa hoje de ti para que sejas portador de esperança para ele ou para ela?* Se permitirmos que essa pergunta nos guie, a nossa missão será mais frutífera e semearmos um futuro onde outros só veem incerteza.

Hoje, na nossa Ordem, nas nossas comunidades e presenças escolápias, precisamos **revitalizar a nossa esperança**, não como uma evasão, mas como um impulso; não como um futuro distante, mas **como uma forma concreta de viver o presente com sentido**. Que esse seja o nosso compromisso como família escolápia.

*Senhor Jesus, fonte da nossa esperança,
renova em nós a alegria do teu Evangelho
e faz de nós portadores de esperança para todos os
que caminham conosco.*
– Amém.

Pe. Carles, Sch.P.
Superior Geral

6 - Bento XVI, *Spe salvi*. Carta Encíclica sobre a Esperança Cristã, n.º 1, Cidade do Vaticano, 30 de novembro de 2007.

7 - Francisco, *Spes non confundit*. Bula de Invocação do Jubileu Ordinário do Ano de 2025, n.º 1. 1, Vaticano, 9 de maio de 2024.

8 - A esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo (Rm 5,5).

9 - São José de Calasanz, *Opera Omnia*, vol. VIII, p. 358

10 - Jo 16,22.

11 - Sl 126,5.

12 - ἐλπῖς, termo usado em Romanos 5,5 para “esperança”; φόρος, de φέρω, suportar, perseverar.